



## Matadouros no século XIX: uma abordagem histórica

Edite Moraes da Costa<sup>1</sup>  
Discente doutorado PPHR/UFRRJ  
[mcedite@gmail.com](mailto:mcedite@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar a concentração do abate de animais em massa nos Matadouros ao longo do século XIX. Elemento fundamental na logística da modernização do espaço urbano, os Matadouros representam a transição de uma economia agrária para uma economia industrial, onde assistimos a conexão dos desenvolvimentos tecnológicos, científicos e política estatal, em decorrência do aumento populacional urbano e a crescente preocupação com a higiene.

**Palavras-Chave:** Matadouros; Abastecimento; História da Ciência e Tecnologia.

Esta pesquisa surgiu do interesse em relacionar a dissertação de mestrado – Do boi só não se aproveita o berro! O comércio das carnes verdes e a transformação socioeconômica da Fazenda de Santa Cruz com a construção do Matadouro industrial - 1870-1890 (COSTA, 2017) - com a proposta apresentada pelo NUPEP – Núcleo de Pesquisa Propriedade em suas múltiplas dimensões – acerca das inovações tecnológicas e científicas do século XIX. A escassez de trabalhos sobre Matadouros no Brasil e os arquivos fechados devido à pandemia, foram decisivos para que voltássemos a uma busca bibliográfica sobre Matadouros de outros países, em artigos, dissertações e teses. Encontramos uma vasta literatura relaciona a História Urbana ou da Urbanização, como também, da Alimentação e do Abastecimento, sobre o nosso recorte temporal.

Abater animais para consumo faz parte da tradição histórica e cultural da humanidade. Em breve análise por vários povos podemos identificar alguns tipos de animais que são consumidos e algumas espécies que são evitadas. As vacas, por exemplo, são consideradas sagradas na Índia, mas nos países ocidentais é a principal proteína, enquanto o consumo da carne de cachorro é um tabu. Por outro lado, na Coreia e na China

---

<sup>1</sup> Discente de Doutorado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – PPHR/UFRRJ, sob orientação da Professora Doutora Mônica de Souza Nunes Martins.



a carne de cachorro é amplamente aceita. A carne de porco não é consumida pelos judeus e pelos muçulmanos; sendo a base da dieta alimentar em tantos outros países como Inglaterra, Dinamarca, Estados Unidos e Brasil.

O abate está enraizado na história e nos oferece um vislumbre de como essa prática evoluiu e se transformou ao longo do tempo. A arte de matar e esfolar um animal é antiga e remonta à antiguidade, e desempenhou um papel crucial no abastecimento das populações. Durante séculos, o consumo de carne foi considerado um símbolo de status e elemento para se medir o padrão de vida. Ao mesmo tempo, o abate era visto como uma prática desmoralizante para quem trabalhava, e que tais funcionários se tornavam brutos e capazes de cometerem os mesmos atos em humanos.

Durante o século XIX, a estreita relação entre consumo e morte, tornou o Matadouro emblemático e parte integrante da lógica da modernização do espaço urbano. Protagonista da ascensão da produção em massa, onde ciência, tecnologia e política estatal se fundiram, as proporções dessas mudanças foram visíveis nas cidades. A junção dos desenvolvimentos tecnológicos e científicos nos fornece uma visão da trajetória do matadouro como instituição, e levanta novas questões sobre as implicações culturais do abate de animais e a maneira como vemos os animais mudou drasticamente ao longo do tempo.

Desde a Idade Média que as corporações de ofícios de açougueiros dominavam o abate de animais para consumo na Europa Ocidental. O abate e a esfolagem de animais eram realizados em barracas, nas feiras livres das principais cidades, diante do público consumidor. Para Fitzgerald (2010), as instalações públicas de abate de animais construídas fora dos centros das cidades, como nos EUA, na Europa Ocidental e na América Latina, foram projetadas e localizadas para reduzir a contemplação, o questionamento delas por trabalhadores e consumidores, e para se parecerem com qualquer outra fábrica. Sua análise foi baseada na geografia e na arquitetura dos matadouros que serviam para evitar uma “culpa cultural” de estar se alimentando de um animal e de se parecerem como uma fábrica de qualquer outro produto, e o público não pensar no que era feito dentro do prédio. Por outro lado, Fuentes (2015) aponta que a construção de matadouros está ligada a transição de uma economia agrária para uma



economia industrial, ao aumento populacional urbano e a crescente preocupação com a higiene.

A análise bibliográfica sobre Matadouros no século XIX se justifica pelo abate de animais para consumo oferecer uma conjectura de como essa prática evoluiu para garantir o abastecimento das populações. Nesse período, o consumo de carne foi considerado a principal fonte de energia para os trabalhadores das fábricas e indústrias, o que antes era um símbolo de status e elemento para se medir o padrão de vida. O abate era visto como uma prática desmoralizante e capaz de embrutecer o açougueiro e ele cometer os mesmos atos em humanos.

A centralização do abate possibilitou a divisão do trabalho dentro dos Matadouros e outros ofícios e profissões surgiram, e o que antes era feito por um ou dois homens passou a ser realizado por mais de 15 trabalhadores ao longo da linha de desmontagem. Expandiu o mercado de subprodutos da carne, como miudezas, intestinos e couros, e várias indústrias na produção de farinha de ossos, sebo, couro curtido, fios cirúrgicos, pentes e escovas, graxa, embutidos, sabão e outros produtos. Formação de veterinários para cuidar da higiene e saúde dos animais, engenheiros para desenvolver ferramentas de abate, na circulação e refrigeração dos vagões de carne, e funcionários públicos para controlar todo sistema em torno do mercado de carne, e a Polícia Sanitária, lidando com quarentenas e sancionando o sistema regulatório.

O exame dos textos visou encontrar introdução de inovações tecnológicas e científicas nos Matadouros das cidades de Berlim (BRANTZ, 2002), Copenhague (THELLE, 2018), Paris (CLAFIN, 2020), Buenos Aires (LÓPEZ-DURÁN, 2017), Chicago (FITZGERALD, 2010), Madri (FUENTES, 2015 e GUÀRDIA, 2017), Moscou (MAZANIK, 2017) e São Cristóvão-Rio de Janeiro, comparando com os relatórios da Câmara Municipal e os debates dos vereadores<sup>2</sup> de como deveria ser o Matadouro de Santa Cruz, confrontando com o que realmente foi efetivado. A partir desses dados, construímos

---

<sup>2</sup> Códice: 54.1.2. **Fundo Câmara Municipal**. Série Comércio de Carnes e Matadouro de 1872 a 1882. Códice: 54.1.32. **Fundo Câmara Municipal**. Série Comércio de Carnes e Matadouro. Coleção Conselho de Intendência. Códice: 54.3.32. **Fundo Câmara Municipal**. Série Carris. Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Códice: 9.1.18. **Coleção Conselho de Intendência**. Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Higiene Pública. Códice: 17-2-14 (1873-1875). **Atas das Sessões da Câmara Municipal do Rio de Janeiro**. 1879 a 1891.



o quadro comparativo abaixo, com as principais inovações encontradas nos Matadouros, assinalando as que encontramos nos relatórios sobre o de Santa Cruz:

Cidade	Paris	Madri	Buenos Aires	Chicago	São Cristóvão	Moscou	Copenhague	Berlim	Santa Cruz
Propriedade	Público	Público	Privada	Privada	Público	Privado	Privado	Privado	Público
Localização	Cidade	Cidade	Subúrbio	Cidade	Cidade	Cidade	Cidade	Cidade	Subúrbio
Produção	Artesanal	Artesanal	Industrial	Industrial	Artesanal	Industrial	Industrial	Artesanal	Industrial
Fiscalização do Estado	X	X	X		X	X	X		X
Aproveitamento total da res			X	X		X	X		X
Laboratório de Análises Clínicas			X			X	X		X
Linha de Desmonte			X	X		X	X		X
Moradia p/ operários						X			X
Tratamento de resíduos						X			
Controle da Produção	Açoug.	Estado	Privado	Privado	Marchantes	Privado	Privado	Açoug	Marchantes
Preocupação com o sofrimento do animal	X							X	X
Tratamento de esgoto						X			
Eugenia da ré			X						
Museu de cera						X			X
Médicos sanitaristas						X	X		X
Médicos veterinários						X	X		X
Preocupação com os Micróbios						X	X		X
Conexão com a malha ferroviária	X	X	X	X	X	X	X	X	X

A leitura e análise destes textos nos revelou uma gama de inovações associadas à concentração do abate em massa nos Matadouros, que foram sendo listadas, e a partir de cada cidade, acrescidas. Numa primeira etapa, nosso objetivo era encontrar fontes e, nelas, os documentos necessários para a pesquisa. Nesse momento, importava tão-somente a obtenção de informações advindas de publicações, anais de congressos, além de referências. Numa segunda etapa, foi a consulta ao site do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, a procura por códices relacionados ao Matadouro Público de Santa Cruz.



O conceito de Tecnologia, de Álvaro Vieira Pinto (2005), surgiu a partir da sua definição de que Tecnologia é um conjunto de técnicas. Sendo assim, o autor considera que toda Era é tecnológica, de acordo com as técnicas desenvolvidas ao longo da história humana, para determinadas necessidades e civilização. Sabemos que o termo inovação tecnológica não foi aplicado durante o século XIX, o colocamos neste trabalho por entendermos que as invenções do período abordado se encaixarem neste termo contemporâneo, e não configurar como anacronismo.

Joel Mokyr (1998), denomina como Ilustração Industrial, o movimento iluminista do século XVIII, e o considera muito importante para o processo de Revolução Industrial. Analisou a influência da Ciência Moderna sobre as transformações do processo industrial a partir do conhecimento útil, do proporcional e do perspectivo. O autor considera como propósitos desse movimento, a catalogação das técnicas empregadas em oficinas para difusão e aperfeiçoamento através da pesquisa, que promoveu uma evolução epistêmica que gerou novas técnicas, facilitando a interação entre o conhecimento posicional e aqueles que executavam as técnicas.

Se ao longo dos séculos, foram os artesãos que inventaram e instalaram novas técnicas produtivas, sem haver ligação com um conhecimento científico, a partir da Revolução Científica, no século XVII, que se a valorização do conhecimento científico incorporado à prática de determinadas invenções voltadas para a produção. Para Luiz Carlos Soares (2020), diálogo do processo industrial com a revolução científica, promoveu o encontro entre o desenvolvimento industrial e o desenvolvimento científico, antes mesmo da segunda revolução industrial. A revolução científica nos ajuda a entender o processo do conhecimento, através da história da ciência e tecnologia, no contexto da revolução industrial.

A partir da correlação entre as informações fornecidas pelos textos e os códices coletados foi composto, inicialmente, um quadro comparativo para que pudéssemos sistematizar um conjunto de assuntos, mediante as inferências realizadas sobre o conteúdo. Assim, foram definidas as seguintes unidades de análise: Propriedade, Localização, Produção, Fiscalização, Aproveitamento total da réis, Laboratórios de análises clínicas, Linha de desmonte, Moradias para os operários, Tratamento de resíduos, Controle da produção, Preocupação com o sofrimento animal, Tratamento de esgoto,



Eugenia da réis, Museu de cera, Médicos veterinários, Médicos sanitaristas, Preocupação com os micróbios, Conexão com a malha ferroviária.

Em relação à Propriedade dos Matadouros, verificamos que em algumas cidades era de particulares, outras do governo municipal ou mista. Enquanto algumas cidades levaram os Matadouros para o subúrbios, outras o mantiveram nos centros urbanos sob o domínio das corporações de açougueiros mantendo a produção artesanal, e o transformando na sua principal atração com produção industrial. Quanto à fiscalização, ficou por responsabilidade da Polícia Sanitária com veterinários e sanitaristas, com exceção de Chicago que só ocorreu no início do século XX. O aproveitamento total da réis foi possível a partir da linha de desmonte, com a divisão do trabalho em equipes, que além das carnes para o consumo, fornecia matéria-prima para fábricas e indústrias, e os subprodutos desenvolvidos a partir do processo de fermentação e soro.

Laboratório de análises clínicas foi necessário para que não entrasse ou saísse dos Matadouros animais doentes e carnes contaminadas. O museu de cera teve um papel importante ao reproduzir os tipos de vermes e bactérias, coloração do produto contaminado, contribuindo na formação de médicos veterinários e sanitários, assim como, engenheiros sanitários e arquitetos urbanistas. Ao retirar o Matadouro do centro urbano e colocá-lo no subúrbio, foi necessário a construção de moradias para os operários e garantir mão de obra. Afora, o de Chicago, que por não fornecer moradias possibilitou o surgimento de casebres insalubres junto aos seus muros, na área externa do Matadouro, e o de Moscou, que mesmo sendo na cidade ofereceu moradia para os seus operários.

Moscou foi o único que desenvolveu sistema de tratamento de resíduos para não contaminar o rio e não emitir odores à população. Os demais, jogavam seus detritos diretamente nos rios e córregos, sem preocupação com o meio ambiente. A preocupação com o sofrimento do animal veio acompanhada de novas ferramentas que visavam o atordoamento prévio antes de matar, o que causou maior agonia antes de ser abatido. As ferrovias foram instaladas para atender às atividades do Matadouro no transportes de animais, retirando assim, o incômodo das ruas da cidade, e para escoar sua produção aos mercados públicos.

Ao debruçarmos sobre o universo dos Matadouros, no século XIX, através da análise dos textos e códices citados, pudemos entender que estavam conectados às



inovações tecnológicas e científicas do período, e as desenvolvendo no âmbito de suas funções. A Revolução Pausteriana possibilitou os estudos das bactérias para o diagnóstico de doenças e contaminações. A linha de Desmontagem otimizou as etapas de transformação da res em carne e subprodutos para o consumo, evitou o desperdício de matérias primas para fábricas e indústrias, promoveu a divisão do trabalho e estabeleceu novos ofícios e funções.

A construção de Matadouros fez parte do processo de urbanização das cidades para higiene e salubridade, com as obras de saneamento planejadas por engenheiros, e eliminando o abate de animais nas feiras públicas. A dinâmica do transporte ferroviário possibilitou a conexão entre o campo e a cidade resultando no sistema agrofábrica, vigiado pelo Estado e parcerias público privado. Sendo assim, podemos afirmar que a história dos Matadouros, no século XIX, faz parte da História da Ciência e Tecnologia, e não somente, da História do Abastecimento.

## REFERÊNCIAS

Código: 54.1.2. **Fundo Câmara Municipal**. Série Comércio de Carnes e Matadouro de 1872 a 1882.

Código: 54.1.32. **Fundo Câmara Municipal**. Série Comércio de Carnes e Matadouro. Coleção Conselho de Intendência.

Código: 54.3.32. **Fundo Câmara Municipal**. Série Carris. Coleção Prefeitura do Distrito Federal.

CI HIG Código: 9.1.18. **Coleção Conselho de Intendência**. Coleção Prefeitura do Distrito Federal. Série Higiene Pública.

Código: 17-2-14 (1873-1875). **Atas das Sessões da Câmara Municipal do Rio de Janeiro**. 1879 a 1891.

BRANTZ, Dorothee. Lembrando o Matadouro. **Revista Cabinet**, n. 4, 2001. Disponível em: [www.cabinetmagazine.org/issues/4/slaughterhouse.php](http://www.cabinetmagazine.org/issues/4/slaughterhouse.php) Acesso em: 23 mai. 2020.

BRANTZ, Dorothee. Stunning Bodies: Animal Slaughter, Judaism, and the Meaning of Humanity in Imperial Germany. **Central European History**, sd. v. 35, n. 2, 2002.



CLAFLIN, Kyri W. La Villette, la viande - "Enseigne et marchandise" (1867-1914). *Food & History*, vol. 3, nº 2 (2005), p. 53-79.

COSTA, Edite Moraes da. **Do boi só não se aproveita o berro!** O comércio das carnes verdes e a transformação socioeconômica da Fazenda de Santa Cruz com a construção do Matadouro industrial (1870-1890). Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2017.

FITZGERALD, Amy J. A Social History of the Slaughterhouse: From Inception to Contemporary Implications. *Human Ecology Review*, v. 17, n. 1, 2010, p. 58-69. Disponível em: <http://w.humanecologyreview.org/pastissues/her171/Fitzgerald.pdf> Acesso em: 10 jun. 2022.

FUENTES, J. M. et. al. Public abattoirs in Spain: History, construction characteristics and the possibility of their reuse. In: *Journal of Cultural Heritage*, 16, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.culher.2014.12.001> Acesso em: 22 jan. 2020.

HOBBSAWN, Eric J. **A era das revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

MAZANIK, Anna. 'Sapatos brilhantes' para a cidade: o abatedouro público e a reforma de fornecimento de carne na Moscou imperial. *Urban History*, Cambridge, v. 45, n. 2, agosto de 2017, p. 214-232. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0963926817000426> Acesso em: 10 abr. 2022.

MOKYR, Joel. **The British Industrial Revolution: An Economic Perspective**. Boulder, Colorado: Edited by Joel Mokyr, 1998.

SOARES, Luiz Carlos. **A filosofia natural e experimental na Inglaterra do século XVIII: um diálogo com a historiografia acerca da idade de "ciência" na "era das luzes"**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2020.

THELLE, Mikkel. A Cidade da Carne: espaço urbano e prestação em indústria em Copenhague, 1880-1914. Escola de Cultura e Sociedade, Universidade de Aarhus, Jens Chr Skous Vej 7, 8000 Aarhus C, Dinamarca, p. 233-252. Disponível em: *História Urbana*, Volume 45, Edição 2, maio 2018, pp. 233-252 DOI: <https://doi.org/10.1017/S096392681700044X> Acesso em 10 jun 2022.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia**. v. 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.